

A vida sexual dos seres humanos (Conf. Intro. 1916/17 – S. Freud)

Comentários sobre A vida sexual dos seres humanos (Conferências Introdutórias à Psicanálise, Ob. Compl. volume XVI, 1916/1917).

A difícil definição de sexualidade (no que se refere ao ser humano). Tanto a homossexualidade como as 'perversões' (é preciso retirar deste termo quaisquer conotações moralistas e pejorativas) tornam impossível definir a sexualidade humana através da função reprodutiva. (O número de atos sexuais que resultam em procriação, no ser humano, é infimo quando comparados com os outros, em que a concepção é evitada; nos demais animais, a sexualidade está a serviço exclusivo da reprodução da espécie).

Freud cria duas categorias para descrever os comportamentos sexuais humanos não vinculados à procriação:

- 1) modificação de objeto
- 2) modificação de finalidade.

(No primeiro caso, o ato não será heterossexual [por exemplo: homossexualidade, pedofilia, zoofilia, atração por cadáveres]; no segundo caso, mesmo em se tratando de pessoas dos dois sexos, não se visaria o orgasmo genital conjunto: por ex.: sado-masiquismo, voyeurismo/exibicionismo, fetichismo, carícias).

As duas categorias podem combinar-se.

Freud considera que a sexualidade é um objeto de estudo como qualquer outro. Para estudá-la, seria necessário abster-se de qualquer julgamento e não guiar-se por qualquer código moral.

Freud cita o historiador Ivan Bloch: as 'perversões' existem desde tempo imemoriais. Ou seja, não dependem absolutamente de fatores culturais. Portanto, não constituem um "sinal de degeneração" da humanidade [como algumas teses, de teor moralista, afirmariam], que se faria presente sobretudo em sociedades de tecnologia muito desenvolvida, adeptas do hedonismo.

Desse ponto de vista, as 'perversões', que na *primeira* definição corresponderiam a práticas eróticas não ligadas à procriação, independem da cultura.

Duas observações extraídas da prática psicanalítica.

- 1) Os sintomas neuróticos são substitutos do prazer sexual.

2) A sexualidade 'pervertida' não seria senão uma sexualidade infantil cindida (dividida) em impulsos separados.

Sintomas neuróticos como substitutos da satisfação sexual. Hipótese nada fácil de entender. Freud se refere à sexualidade infantil, que erotiza todas as partes do corpo e todas as funções fisiológicas.

Na histeria, o sintoma se instala sobre qualquer região corporal ou função fisiológica, "cooptada" por uma fantasia sexual, seguida de medo (ansiedade) e punida pela culpa. O órgão ou função que manifesta o sintoma histérico torna-se inutilizável (cegueira, alergia, paralisia, contrações, anestesia, etc.). O sintoma histérico representaria assim uma auto-punição (não consciente).

A fantasia em questão envolveria as figuras parentais ("edipianas", diretamente ou por deslocamento). Ou seja, apontariam para o objeto proibido e puniriam o sujeito por disputá-lo com a figura rival.

Na neurose obsessiva, as fantasias não são colocadas em ação, e têm por alvo igualmente objetos considerados proibidos (figuras parentais ou, por deslocamento, pessoas sobre as quais pesa uma interdição, que Freud interpreta como metáfora da problemática edipiana). A consequência é igualmente a culpa, que na neurose obsessiva (pensamentos obsessivos, dúvidas) têm a mesma função que o sintoma histérico (expresso pelo comprometimento de um órgão/função corporal).

Um aspecto inicial ligado à asserção freudiana: seria preciso primeiramente levar em conta que a culpa também é prazerosa (ou seja, erotizada). (Haveria prazer – inconsciente – na auto-recriminação).

Nesse caso, os sintomas neuróticos são equivalentes a práticas auto-eróticas associadas a sentimentos de culpa. Estes últimos provêm de um "super-ego" caracterizado pela predominância de uma escala de valores que associa prazer a culpa.

O objeto desejado se afigura como proibido (disputado com o/a rival, que se deseja excluir), na medida em que predomina, no super-ego, a condenação do prazer.

A renúncia ao objeto desejado permite atenuar a culpa mas em seu lugar surge a sensação de ter sido injustiçado. . Como benefício secundário, há uma espécie de compensação: o eu é condecorado com a auto-imagem ética (por renúncia a algo considerado moralmente condenável). (Essa renúncia ao objeto edipiano não é consciente, visto que a renúncia geralmente opera sobre objetos e situações deslocados, ou seja, substitutos do objeto edipiano).

Quando a culpa não pode ser atenuada e vai até as últimas consequências, o quadro deixa de ser "neurótico" e passa a expressar-se pela depressão. (A depressão integra o chamado *transtorno bi-polar*, caracterizado pela alternância entre estados maníacos e estados depressivos).

A auto-imagem ética obtida na neurose decorre da crença de que quando se tem o objeto da demanda (desejo) é porque se privou alguém desse objeto. (Concomitantemente, quando não se tem o objeto de desejo é porque ter-se-ia sido destituído pelo rival). O conflito neurótico se caracterizaria por uma permanente sensação de ter sido injustiçado, que é o preço por evitar a culpa.

Os conflitos neuróticos (eventualmente expressos por sintomas) representariam a oposição entre a sexualidade infantil (complexo de Édipo) e a defesa contra as respectivas fantasias, com predominância da defesa. Desse ponto de vista, trata-se de um resultado possível do conflito entre 'perversão' (relação com o objeto 'proibido', ou transgressão) x 'neurose' (renúncia ao objeto 'proibido', ou fuga).

Caso haja predomínio do aspecto neurótico nesse conflito, haveria uma segunda forma de prazer: evitar a dependência em relação ao outro, decorrente da fuga ao objeto da demanda.

('Demanda': expressão consciente do desejo inconsciente).

O isolamento derivado da fuga ao objeto da demanda, embora resulte em renúncia, também permite escapar ao desprazer que está associado ao risco da perda do objeto da demanda e ao risco de "perder" a individualidade (decorrente da dependência em relação ao objeto de desejo), temor característico do conflito predominantemente neurótico.

(Esse risco é aceito na "perversão", caracterizada pela aceitação da relação de dependência, oposta à fuga ao objeto de desejo, fuga que caracteriza a neurose).

Na neurose, o prazer erótico é "trocado" pela agressividade auto-dirigida, movimento que apresentaria um "benefício secundário" em termos éticos: a auto-imagem de agir corretamente por renunciar a um desejo vivenciado como agressivo.

Na neurose obsessiva o prazer na relação com o outro fica associado à agressividade, na medida em que se julga transformar o outro em objeto dos próprios interesses, do próprio desejo, além da exclusão do rival.

Na histeria, o prazer na relação fica associado ao temor de ser transformado em objeto a serviço do desejo do outro. Em consequência, o medo impede a relação. Na histeria a renúncia ao objeto também significa renunciar à exclusão do rival, com o concomitante 'benefício' da construção de uma auto-imagem ética (cujas contrapartidas, por outro lado, é a sensação de ter sido injustiçado).

Freud explicita suas teses sobre a sexualidade infantil. A sexualidade humana não se inaugura na puberdade.

Desenvolvimento da libido:

Fase oral: (primeiro ano de idade, aproximadamente. Mais precisamente: até os 8, 10 meses, ou seja, momento do estágio do espelho, quando surge a comunicação, ou “linguagem especular” = repetição).

Fase anal: desse momento até a aquisição de linguagem.

A fase fálica (sede do complexo de Édipo) só será postulada por Freud em 1923, sete anos após a redação do presente texto. (Fase fálica: Da aquisição da linguagem (2,5 anos aproximadamente) até a possibilidade da criança dizer não para o desejo de amor incondicional, ou seja, até o estabelecimento do superego, quando se constata o desejo do outro.

Esse processo se estenderia da aquisição da linguagem até a socialização da criança [aproximadamente entre 6 e 7 anos].

Oralidade: Diferença entre satisfação (orgânica) e prazer (psicológico). A “satisfação” nunca teria ocorrido, nem mesmo subsequentemente ao nascimento.

Desde o início de sua vida o ser humano estaria subordinado à lógica do prazer/desprazer. A chupeta, ou objetos com função semelhante, é explicada como artefato destinado a simular a presença dos protagonistas do campo desejante.

A fase anal representaria o surgimento das exigências educativas, que a criança já é capaz de entender, visto que já é capaz de comunicação (o estágio do espelho, segunda metade do primeiro ano de vida, situa a criança na posição de objeto).

Comunicação e linguagem, segundo a psicanálise, devem ser diferenciados; a segunda abrange a primeira mas a recíproca não é verdadeira.

Comunicação ou *linguagem especular* é anterior à aquisição da linguagem. Nesse período, a criança entende o significado de certos sinais [orais ou gestuais], mesmo que não entenda o discurso [sintaxe] dos adultos como um todo. O sinal ainda não se tornou signo (palavra).

Fantasias originárias e teorias sexuais infantis

A criança não tem nem como entender o ato sexual mas tampouco pode ser enganada com as habituais histórias contadas pelos adultos. Ela nota a modificação do corpo feminino. Essa situação paradoxal deriva na construção de fantasias.

Pg. 370. Freud: “*As investigações sexuais começam precocemente, às vezes antes do 3º ano de vida*”. Ou seja, concomitantemente à aquisição da linguagem.

Fantasias originárias: fantasia de sedução, fantasia de castração, fantasia da cena primária (ter presenciado o ato sexual dos pais).

Teorias sexuais infantís: teoria do coito sádico (agressão masculina contra a figura feminina), teoria do nascimento cloacal (o bebê nasceria através de um ato análogo à defecação), teoria da universalidade do falo (as mulheres também teriam pênis).

(No texto de apoio: “Fantasias originárias e teorias sexuais infantís: o inconsciente do inconsciente”, extraído do livro “Trauma, Amor e Fantasia”, e copiado em “Artigos sobre Psicanálise”, deste site, é possível encontrar uma descrição mais pormenorizada).

As fantasias e teorias sexuais infantís são metáforas do desejo infantil de ter o monopólio do amor dos protagonistas da função (ou campo) desejante (habitualmente chamada ‘função materna’ nos textos psicanalíticos).

Igualmente, são metáforas da não aceitação, por parte da criança, da função ou campo normativo [que institui a regra, o limite].

Função normativa: habitualmente chamada ‘função paterna’ nos textos psicanalíticos.

As fantasias originárias contam uma história. De como a criança era tudo (sedução), como foi “expulsa do paraíso” (castração), ou seja, como perdeu o amor incondicional, e, enfim, como alguém tomou seu lugar (cena primária).

As teorias sexuais infantís condenam o intruso que se interpõe entre a figura feminina (tida como fonte de amor incondicional, segundo Freud) e a própria criança. As teorias procuram provar que “o pai” (a norma, o limite) não é necessário.

Segundo Freud, as teorias sexuais infantís são universais.

Uma delas supõe que a mulher tenha pênis (indiferenciação dos gêneros, para impedir a admissão que mulher e homem, ou adultos (qualquer seja o sexo), se desejam, ou seja, são reciprocamente importantes).

Outra supõe que a mãe conceba o bebê através de um ato análogo à excreção, negando novamente a participação do outro (o pai, a figura masculina) na procriação, explicada pela ingestão de algum alimento que se transforma no bebê;

Outra supõe que a aproximação entre homem e mulher constitua uma agressão do primeiro à segunda, negando novamente o desejo mútuo entre adultos.

Freud define a sexualidade infantil:

1) Como polimorfa (isto é, tem muitas formas), ou seja, não está subordinada à primazia dos genitais, mas estende-se por todo o corpo.

2) Auto-erótica (não tem um objeto externo; o próprio corpo infantil é seu objeto). (Tradução: o conceito de *auto-erotismo* significaria a descrição, por parte de Freud, da posição de objeto, que tipifica a fase anterior à aquisição de linguagem, quando a criança “vai” para a posição de sujeito, ou seja, de ser desejante).

O auto-erotismo vale portanto para as fases oral e anal (livro de referência: *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, escrito por Freud em 1905).

Com o acréscimo da fase fálica (artigo de referência: *A organização genital infantil*, escrito por Freud em 1923 e que ele acrescenta ao livro anterior), é aferida a importância dos genitais, que diferenciariam os gêneros, promovendo assim a construção da identidade sexual.

Ressalva: Não exatamente dos genitais. Pois, segundo Freud, a vagina não é percebida como órgão pela criança, enquanto o pênis é redefinido como falo, isto é, passaria a ter o valor imaginário de conceder ao homem o acesso privilegiado ao corpo/desejo materno.

Segundo Freud, a vagina não seria percebida enquanto órgão, o que motivaria a fantasia de que a menina acreditaria ter uma falha anatômica. Essa questão será abordada nas aulas sobre o complexo de Édipo.

Na fase fálica, o auto-erotismo (posição de objeto, característica das fases oral e anal) é substituído pelas fantasias edípicas, dirigidas primeiramente às figuras parentais (demonstrando assim que a criança ingressou na posição de sujeito, concomitantemente à aquisição de linguagem).

